

Grandes Paraenses / Haroldo Maranhão

UM ESCRITOR QUE É PURA ESCRITA

Carlos Correia Santos - jornalista

A Província do Pará — p. 7 - Domingo 23 de abril 2000

Certa vez, em um de seus maravilhosos textos, ele brincou: "Meu nome é Haroldo Maranhão, capital São Luís". Fez piada com o fato de que, na boca de muitos, seu nome chegou a virar Haroldo Piauí, Pernambuco, Ceará. Mas ele é paraense. Todo paraense. Muito embora — não há como negar — um paraense do qual o mundo se apossou.

Não é exagero afirmar que Haroldo Maranhão faz parte do rol dos mais importantes escritores brasileiros de todos os tempos. Sua obra, rica em peculiaridade e inovação, é reverenciada como exemplo raro de quebra de barreiras na literatura.

Ele nasceu na Belém de 1927, no seio de uma família de célebres jornalistas. Família que, durante décadas, dominou a imprensa paraense com o matutino "A Folha do Norte". Sua sina, portanto, não poderia ter sido outra: Haroldo começou a trabalhar cedo. Onde? No jornal da família! Aos treze anos, tornou-se repórter policial. Experiência que o escritor, com seu medo todo próprio de ser contundente, descreveria da seguinte forma: "Recebi na cara um pontapé a vida bruta"

A vida de Haroldo, como parece a de toda figura marcante, é plena de desdobramentos. De jornalista, passaria a advogado da Caixa Econômica Federal. Do jovem enraizado na capital do Pará, passaria a morador do Rio de Janeiro, onde se encontra até hoje. "Gosto de sol, de praia"

Mas qualquer que tenha sido o lugar em que viveu ou viva Haroldo, esse ainda não é o lugar certo. Seu verdadeiro lar será sempre um só: a arte. "Raramente saio de casa. Prefiro estar no meu pequeno mundo feito de livros, de quadros, de música..."

Na arte literária, ele é rei. E um de seus mais memoráveis trabalhos, coincidência ou não, remete à nobreza: O Tetranelo Del-Rei, verdadeira catedral lingüística. Exemplo precioso de até onde pode chegar o poder da escrita. Entre os paraenses, a obra mais conhecida de Haroldo talvez seja o fantástico Miguel Miguel. Não há quem tenha se entregado ao saboroso caso dos "Migueis" sem que, ao final, descubra-se perdido numa indagação "o que foi que eu li?".

É neste exato ponto que reside a genialidade do autor. Fazer arte não é explicar nem oferecer manuais. Fazer arte é abrir mentes para experiências inovadoras. Nisso Haroldo é mestre. Afinal, Miguel morreu? Não morreu. Eram dois Migueis? Não era Miguel algum? Para os que não sabem do que estou falando, uma dica: procurem o livro, joguem por terra toda lógica pré-concebida e leiam!

Como todo engenhoso articulador da escrita, Haroldo sabe se locomover pelo mundo das letras com providencial ousadia. Prova disso é o diálogo inteligente e preciso que suas obras mantêm com o universo de Machado de Assis. Haroldo sabe como poucos beber dos elementos machadianos e utilizá-los de forma bastante pessoal e inovadora.

Mas escrever é sempre algo que traduz infinitas impressões. Sobre o ofício literário o artista imortalizou o seguinte pensamento: "ao contrário do que se pensa, escrever é um ato extremamente doloroso: como um parto. Nunca pari, nem espero, mais dizem que dói. Escrever dói". Em outro de seus textos, Haroldo Maranhão confessa: quer ter uma morte rápida, na exata fração de um segundo. Só que ele se esquece de um pequeno detalhe: mestres não morrem. No máximo, na exata fração de um segundo, viram eternidade.

Haroldo, Haroldo
Haroldo MIGUEL?
MIGUEL Maranhão?
Quem te escreveu, Haroldo?
Como assim semeias pelo mundo
Um Pará em Grão?
Será que és um Haroldo MIGUEL
Ou um MIGUEL Maranhão?
Qual parte de ti é teu todo?
Tudo, enfim? Ou nada, então?

(Carlos Correia Santos)

Se morri, não sei. Se vivo estou, sei lá. Sei que, de qualquer forma, não vivo porque, de certa forma, nunca morrerei. O leitor certo é que o nó que me deu na mente tem um pai. Sou filho de um pai que me deu a vida, porém não me sabe morto ou vivo... Ou, por outra, ele sabe muito bem o que de mim! Só ele!... Se bem que, de verdade, ele pode ser o único a não saber!... Conceu-me e ordenou ao mundo que me criasse! Que me entendam os outros!... Mas sei que ele há de entender o que estou querendo dizer!...

Bem, no lugar de confundir — porque, na verdade, confundir é toda tentativa de explicar — deixa-me dizer a razão de, após tantos anos perdido entre vivo e morto, eu ter decidido escrever essa crônica. Logo eu, tomando para mim a ousadia de escrever, quando isso é coisa (ou coisa) de Haroldo! Mas é que decidi: tenho que falar! Enquanto tanto se discute sobre minha morte ou “não-morte”, ninguém parece se ocupar com o que realmente importa: o modo com que posso nascer e renascer.

Sou fruto de fecundação estranha e, ao mesmo tempo, perfeitamente lógica. Inseminado pelo gameta das letras no útero dos leitores. Sim, porque todo leitor pode gestar. Homem ou mulher. Isso pelo simples fato de que o útero de quem lê está na alma. Nunca em nenhuma outro canto!(sic)

Como morri, se morri... não interessa — ou interessa muito — O preocupante mesmo, confesso, é saber quantas vezes vou nascer, em quem vou nascer, quando vou nascer. Quem vai me dar vida nova, parindo-me através da leitura. Quem vai me dar vida nova para tentar saber se morri, se não morri, se vivo estou, se não estou vivo. Se sou um, dois ou nenhum!...

Se Haroldo Maranhão é meu pai, é bom que se esclareça: ele precisa de um cônjuge para me dar à luz. E esse cônjuge pode ser você!

Bem, eu preciso terminar por aqui. Estão me esperando, não posso me atrasar. Afinal, fica chato se eu chegar tarde em meu próprio velório, não é mesmo?!

Sem mais,

Miguel dos Arcanos Falbo Quillet.